

434

O CLÁSICO DE LOVE DE VELA

F U E N T E D E V E J U N A

TRADUCIDO E ADAPTADO DO
ORIGINAL ESPANHOL POR
VALTER SOARES JUNIOR

PERSONAGENS

Fernando de Aragão e
Isabel de Castela, os Reis Católicos
Fernán Gómez de Guzmán, o Conde de
Estepan, Alcaide de Puenteveja
Lauréncia, sua filha
Francisco,
Alonso e
Ringo, camponeses
Pascuala e
Jacinta, camponesas
Flores e
Ortúño, criados do Conde de
Cabrera, soldado
Vilões de Puenteveja
Soldados
De Jela.



[O ingáfrito em Fuenteovejuna]

JUIN: Quem matou o Comendador?

VILEO: Fuenteovejuna, senhor.

JUIN: Malditos vilões! Não bastam
as rogás, as ameaças,
as suplicas, as tormentas?
E já dias vos interrogo
no cavalete e no açougue,
e a resposta que me dais
é a mesma: Fuenteovejuna.
É que pretendais? Rombar
do joão que representa?
Que leva abençoar os reis
em Castela poderosos,
Fernando e Isabel, católicos,
que, juntos, reem por nós,
pelas gentes que governam
sob a proteção divina.
O crime que cometestes,
compromisso insanável,
deve ser punido, e logo,
com o mártir das figuras,
para que sirva de exemplo
a todos, que dele aprendam
o quanto custa a vassalagem
mataram os seus senhores.
Vamos, confessai, que deve
relatar a nossos reis
quem deu morte a Fernão Gómez.
Quem o matou? Respondi!

VILÃO: Senhor, foi Fontesvejava.

JULIA: Ah, vilões obstinados!

Tanta ganas de enforcar-vos
com as próprias mãos! Quero as noivas!
Essas noivas de assassinos,
que acobertais tolomente,
dizei-me, e livres saíam.
Que malin o Comendador?

VILÃO: Fontesvejava, senhor.

JULIA: E quem é Fontesvejava?

(Moderação gradual de cena)

VILÃO: Fontesvejava é o lugar
onde nasci e nascerei
meus pais, e os pais de meus pais,
uma vila escavada
entre oliveis e vinhedos,
o ruivo trigo em agosto,
a branca neve em dezembro,
em bosques, por onde correm
água de um arroyo espesso,
a saber a mesma sede
de pastores e de ovelhas,
de toda terra, lavrada
pelas mãos dos camponeses,
o alar que faz anáctes
no campanário da igreja,
a torre de pedra, erguida
sobre a casa da Comenda,
marcando as horas do dia,
marcando os dias dos meses,
na guerra e na paz, marcando

alegrias e tristezas,
e a praça, junto às muralhas,
onde se reúnem sempre
aldeões das redondezas,
a trepar em seus probóscos
"no barbearinho da feira.

(Feira em Pontevedra-jane)

PASTORALAS: Como um ovinho, Laurencia,
te segue por toda a parte.

LAURENCIA: Frontoso?

PASTORALAS: Quem mais seria?

LAURENCIA: Ah, Pastoralas, me aborresce
vê-lo andar por minha casa.

PASTORALAS: Se fosse comigo, sabes?
eu não me aborreceria.
Não gostas dele?

LAURENCIA: Ao contrário,
tenho-lhe muita afeição.
Mas é uma afeição de irmã.
Crescemos juntos e, agora,
a gente da vila insiste
em dizer que fomos feitos
um para o outro.

PASTORALAS: E não foram?

LAURENCIA: Não sejas tosta, Pastoralas.

PASTORALAS: Nunca se deve dizer
"esta água não beberei".
Além, muitas te invejam,
por seres tão disputada.
Também o Comendador
brava contra os noivos.
Foi se falar desse homem,

que é um verdadeiro demônio!
 Achas que, igual a Frondoso,
 se quer para sua esposa?

PASTORAL: Isso, não. É um nojeiro.

LAURÉNCIA: Claro!

Muitas vilas em juízo,
 fiadas em suas promessas,
 já saíram em desgraça.
 Espera para que ele nunca
 volteasse a Pontevedra.

PASTORAL: Sua pressa não foi evitada.

FLORES: Que Deus vos guarde, boa gente!

TIPO: Retornou don Fernán Gómez!

FLORES: Ah, vitoriosos outra vez.

O inimigo foi vencido,
 embora à custa de sangue
 derramado na batalha.

VILLO: Já vem o Comendador!

FLORES: Recebei-o alegremente,
 que a gratidão dos vassallos
 é sua maior recompensa.

VILLO: Que viva don Fernán Gómez!

Que viva o Comendador!

Que viva sempre!

COMENDADOR: Vassallos,

esta vossa recepção
 me deixa bem satisfeito.

ENTRADA: Don Fernán! Pontevedra,

que aqui vedes reunida
 para dar as boas-vindas
 a vós e a vossos soldados,
 estes nobres presentes

quer entregar. Constrangidos
pela modestia da oferta,
esperamos que aciteis
de bom grado. Certamente
teriais prontos melhores,
se à vila fosse possível.

CONTEADORA: Assim acredito, alcaide.

ENTRADA: Trazemos cestas de berrão,
gradis de gansos, galinhas
que deixam galos vivos
nas aldeias ao redor;
pão, sal, carne defumada,
vinho e couros que, no inverno,
protegerão vossas pernas
tanto quanto as próprias armas.
Saúdo-vos, don Fernão,
a vós e aos de vossa casa.

CONTEADORA: Estou muito agradecido.

Recolhei tudo, soldados.

ENTRADA: Desembarci, senhor, agora.
Que bom proveito tirais.

CONTEADORA: E que Deus vos acompanhe.

(Pausa)

Esperai!

LAURÉNCIA: Fala contigo?

Fernando?

PASCHALA: Creio que não.

CONTEADORA: Fala com as duas, vilão!
Principalmente contigo,
Laurência, que, dentre todas,
deves estar bem lembrada,
se tratas com mais desdém.
Não sou eu a única?

PASTORALAS: Sim, senhor,
mas não para o que pensais.

CONSELHEIRO: Quero que entres, para ver,
coluna que trouxe da guerra.

LAFRANCIA: Se entrasse também o alcaide,
que é meu pai, bem poderia,
sem medo. Mas, de contristado...

CONSELHEIRO: Flores.

FLORES: Senhor?

CONSELHEIRO: Por que teimam
em não fazer o que digo?

FLORES: Saírei, vilhete!

PASTORALAS: Não se apresse!

CONSELHEIRO: Quando entrarem, fecha a porta.

LAFRANCIA: Flores, deixa-os passar.

FLORES: Não viestes apresentadas,
como toda a corte!

LAFRANCIA: Soltei!

FLORES: Valha-me, que não duas ferus!

ANTONIO: Fagiram?

FLORES: Sim, por enquanto.
Mas, se das Fernão quiser,
vou buscá-las em seguida.

ANTONIO: Sarento que, dessa luta,
não voltará sem feridas.

(O Rei e a Rainha)

ISABEL: Bem estado soberano.

FERNÃO: Minha adorada rainha?

ISABEL: Sobre a guerra contra os mouros
vós dades outras notícias?

FERNÃO: Seguem a luta e a matança.

nas batalhas fronteiriças.

ISRAEL: Que Deus dê fim a esta guerra,
permitindo que os anátoles,
numa vitória legítima,
com nossos punhais, derrotem
os bárbaros infiéis.

FERNANDO: Ainda
os nossos expulsaremos.
O céu nos faz vencedores.

ISRAEL: Espero, mestres, esse dia
em que as armas de Castela
conquistarão a península.

FERNANDO: Não faremos por cumprir
o que é vontade divina.

ISRAEL: Nosso casamento conta
unir coroa vizinha
de Castela e de Aragão.

FERNANDO: E, pelo amor, nossas vidas.

ISRAEL: Meu estado soberano...

FERNANDO: Minha adoração realista...

[O bosque de Fontevieja]

LEONÓRCIA: Que estrevimento, frondoso,
se seguires pelo bosque
até as margens do arroyo!
Sem sabes o que comento,
em Fontevieja, o povo.
Eu te olho, tu me olhas,
e já estão todas de olho.

FERNANDO: É por isso que se evitam?
Falo que dizem os outros?
Pois, Leonórcia, que nos vejam
juntos à beira do arroyo!

Sabes que é minha intenção
ser, um dia, teu esposo.

LAURÉNCIA: Sim, porque os dois somos jovens
e porque molteiros somos,
já nos criem amadores,
já nos imaginam noivos.

Mas, com franqueza, essa ideia
não é muito de teu gosto.

FRONDOSO: Será que não te comoves
em te ver tão vaidoso?
Por tua causa, Laurência,
não duras, nem bebo eu como.
É possível tal frieza
em tão angelical rosto?

LAURÉNCIA: Não me agrada que te apresses.
Quero eu decidir, Frondoso.

FRONDOSO: Já vai o dia, na igreja,
em que nós, como dois pombo,
jantaremos nossos bicos
em arrulhos suspirados.

LAURÉNCIA: Vai dizer isso a meu pai,
que julgará teus arrechos.
Mas... escutas alguém vem vindo.
Esconde-te, por favor!

COMENDADOR: Nada sou, vir perseguido
o rastro de um corpo esquivo
e encontrar tão bela corça.

LAURÉNCIA: Aqui descesteva um pouco,
de haver lavado alguns peões.
Mas não quero ser estorvo
da caça, e te vou de longe,
se quer toques liberdade.

COMENDADOR: Fala contrário, Laurência.
 Não permitirás que Fajal
 de nada ropes encrenhas.
 Não desta vez, ahí é boque
 é cómplice deste encontro.
 Não deixará que me fale
 com a mesma altivez de antes,
 tratando assim o teu amo
 e seu desejo acatando.
 Quêtas já não o fizeras,
 mesmo tendo seus esposos?

LAURÊNCIA: As de que falei, senhor,
 já devias ter ouvido,
 deserto, com muitos outros.

COMENDADOR: Continues insolente!
 Fala, com a força destas mãos,
 destruo teus argumentos!

LAURÊNCIA: O que fazeis? Estais louco?

COMENDADOR: Anda, vende-te!

LAURÊNCIA: Socorro!

COMENDADOR: Não resistas, que é inútil.
 Estamos casados.

FRANCISCO: Alto!

Comendador generoso,
 deixai essa roça, ou crede
 que vos emigrarej e parte!

COMENDADOR: Infeliz!

FRANCISCO: Já disseis alto!

Foge, Laurência.

LAURÊNCIA: Francisco,

vende o que fazes.

FRANCISCO: Escapa.

COMENDADOR: Ora, vilãozinho edicmo!
 Fecaste que se fante decho?
 A eis, um bravo guerreiro?
 FRENCOIS: Senhor, se derdes um passo
 a mais, eu desapareci.
 COMENDADOR: Solta esse arma! Ande, solta!
 Solta, que te ordamo!

FRENCOIS: E como
 escaparia, com vida?
 Meu vilão, mas não sou tolo,

COMENDADOR: Fois atira, então, infame!
 Atira, se tens coragem
 de matar o teu senhor!
 Atira, e verás que esqueço
 minhas leis de cavaleiro.

FRENCOIS: Isso, não. Já se conforme
 com meu estado, e guardar
 a minha vida é forçoso.
 Com vossa arma eu me vou.

COMENDADOR: Fois hei de tomar vingança
 do teu agravo, Frencois!

[O Rei e a Rainha]

ISABEL: Meu unado soberano?
 FERNÃO: Minha adorada rainha,
 as orações e as leituras
 vos trazem bem pensativa.

ISABEL: Feciste ao Comendador
 Fernão Alencar de Sousa...

FERNÃO: Sou cívico, um cavaleiro
 valeroso, um capitão
 cujo zelo incedível

Muito aos homens na guerra.

ISRAEL: E na paz, que dizer, hein?

FERNANDO: Que nunca deixou de ter
um coração de soldado.

ISRAEL: De operação insensível
e astutas, suponto.

FERNANDO: Pode ser.

ISRAEL: Esquela dia
em que voltou à Escondida,
em Pantofores, havia
sinais de jôdilo, dizem.

FERNANDO: Talvez.

ISRAEL: Pois, logo em seguida,
por ações e por palavras
cujas razões desconheço,
esse homem tudo mudou.

FERNANDO: É possível que já tivesse
desconcertado nessa vila.
Mas... que ações e que palavras
referia, senhorzinho?

(Visita à casa do Comendador)

ENTRADA: Queremos ver don Fernão
e, se possível, falar-lhe.

COMENDADOR: Que Deus vos guarde.

VILCOA: Senhor...

COMENDADOR: Sentai-vos.

ENTRADA: Ele é preciso.

COMENDADOR: Ordeno-vos que sentais. (Faz-se)
Muito bem. Ouvirei vossas
lamentações deprecações?

ENTRADA: A vossa saúde, senhor,
confiáramos as colheitas.

CONDESADESSA: Acção foi feito.

ENTRADA: Não é justo
que nos privem de sustento.

CONDESADESSA: Tão decidida e que é justo,
alçada, na vossa alçada.

ENTRADA: Não o ignora, senhor.
Somos vassallos leais.

CONDESADESSA: Portanto, sabeis que estamos
em plena guerra com os mouros.
Necessário de recursos,
armas, homens, mantimentos,
para a defesa da vila
e de toda a territorialidade.

ALONSO: Don Fernão, vossos soldados
estão cometendo excessos.

ENTRADA: Um dos nossos foi ferido.

CONDESADESSA: Que dizias? Um acidente,
uma seta disparada
por involuntárias mãos.

E os homens são adstritos
para o combate. Não o são
para trocas mais pacíficas.

ALONSO: Justificais os demandos?

ENTRADA: É a respeito das mulheres
que têm sido molestadas?

CONDESADESSA: Não a questão principal...
Não vos compreendo, vilões.
Minha atenção deveria
regulhar vossas mulheres
e a vós também. A propósito,
sois o alcaide e sois o pai
de Lauresta.

ENTRADA: Que querias?

- CONTEADORA: Balha! com ela.
- ESTERAS: Por quê?
- CONTEADORA: Porque foi desobediente.
 Disseu-me não dar oulhos
 às propriedades que lhe fôz.
 Talvez julgue ser melhor
 que as outras vilãs. No entanto,
 há muitas que não se lozcas
 da obediência que se devem
 e, ao contrário de Douradão,
 com agrado se recebem.
- ESTERAS: Pois agora não vê também,
 falando tão livremente!
- ALONSO: Essas palavras, senhor,
 insultam a nossa honra!
- CONTEADORA: Senhor! Mas vêa todas honras
 têm tanto os vilões, quanto?
- ESTERAS: A nossa vida depende,
 senhor, da vossa virtude.
- CONTEADORA: Mas que linguagem de frades!
 Aborreço-a, vilão.
- Retirad-vos!
- ESTERAS: Esperamos
 um tratamento mais digno.
 (Sofia e pausa)
- CONTEADORA: Que te parece essa gente?
- ESTERAS: Não sabem disfarçar.
- CONTEADORA: Podem igualar-se a mim?
- PIERRE: Senhor! Sou um cavaleiro.
- CONTEADORA: Por onde anda esse Frondoso?
- ESTERAS: Julgamos tê-lo visto
 rondando a casa do alcaide,
 mas resultou não ser ele.

FLORES: Dizes que anda por aí.
 COMENDADOR: Por aí se atreve a andar,
 e vivo, quem se quis morto?
 Um lavrador, um fedelho,
 apontando-se a arma ao peito!
 O mundo se acobe, Flores.
 FLORES: Pensei que o barbeia pousado,
 por generoso.

COMENDADOR: Jamais!
 Apenas espero a hora,
 como o sino espera o peixe.
 A isso, sabeis qual é.

FLORES: Não desistis de laureá-lo?
 COMENDADOR: As mulheres que são floas
 prezo bem e pago mal.
 De mulheres todas elas
 estimar-se ao que valem...

CIMBRANOS: Onde está o Comendador?

CIMBRANOS: Não o vês aqui?

CIMBRANOS: Senhor!
 Valeroso Fernão Gómez!
 Um mensageiro vos traz
 missiva de don Gonzalo,
 que se viu cercado em armas
 por um contingente escuro
 e, em nome de nossos reis,
 implora o vosso socorro!

COMENDADOR: Florent Gruncho! Fazei
 soar, na praça, o chamado.
 Com quantos soldados conto?

CIMBRANOS: Fazo que somos cinqüenta.

COMENDADOR: Preparai vossos cavalos,

com espadas e apetrechos,
que, dentro de poucas horas,
à luta retornaremos.

(A praça de Puentevejeuna)

LUCRÉCIA: Rango, vem junto conosco.

RENZO: Mas de que tens tanto medo?

LUCRÉCIA: Não me atrevo a andar sozinho,
depois do que aconteceu.

PASQUALA: "Tem eu, Melhor prevenidas,"
que desconfiadas.

RENZO: Disseram-me
que Frondoso te salvou.

LUCRÉCIA: Se não fosse ele, não sei
o que seria de mim.

RENZO: Admira-lhe a coragem.

PASQUALA: Quem ama, procede assim.

LUCRÉCIA: Frondoso me aborrecia,
mas, depois daquele dia,
já o vejo tão diferente.

PASQUALA: Parece que agia sobrenaturalmente.

LUCRÉCIA: Só temo que a valentia
possa lhe custar a vida.

RENZO: É preciso que se esconda,
ou deixe Puentevejeuna.

LUCRÉCIA: Isso é o que eu mesma aconselho,
embora saiba que, agora,
vou sentir muito sua falta.

PASQUALA: Dos Farnós parte contra você
para os campos de batalha.
É possível que te esgote
e que perdes Frondoso.

LUCRÉCIA: Disse-me tantas coisas.

JACINTA: Socorro, amigos! Socorro,
pelo amor de Deus!

PASTALHA: Jacinta!

MELO: O que está havendo?

JACINTA: Os soldados,
perros do Comendador,
querem me levar a si!

LEONÓCIA: Se me encontrarem contigo,
será pior para as duas.

PASTALHA: Perdoa, mas não sou homem
que te possa defender.

MELO: Fica contigo, Jacinta.

JACINTA: Está arruado!

MELO: As mais antigas
do mundo. Pedras não faltam.

FLORINA: Pensavas em escapar?

JACINTA: Ningo, ajuda-me!

MELO: Senhores,
somos pobres lavadeiras...

CRISTINA: Que queres? Sai do caminho!
Entrega-nos a mulher.

FLORINA: Com isso vais defendê-la?

MELO: Com súplicas a defendo.
Deixa-a em paz, por favor.

CRISTINA: Temos astar com ela!

MELO: Cuidado! Não te aproximes,
que a farda hai de usar, certamente!

COMENDADOR: O que significa isto?
Em que desordens mequeinhas
tendo que intervir agora?

FLORINA: Isto, que nos desafia.

MELO: Senhor, trazei-nos justiça,

que somos injustiçados.
 Castigai esses soldados
 que, em vossa nome, pretendem
 roubar esta lavradora
 de pais e de esposo honrados
 e dai-lhe licença, a mim,
 para que a possa levar.

CONDADO: Licença hei de dar... a eles,
 para vingarem-se em si!
 Solta essa fúria!

MEIO: Senhor!

CONDADO: Flavel! Ordena! Cebaramos!
 Com a fúria, amarra-lhe as mãos.

MEIO: Assim justiça fazeis?

CONDADO: Que peçam Fiançavejuna
 e sua gente de mim?

MEIO: Senhor, os vossos vassallos
 em nada vos ofenderam.

FLAVEL: Deve morrer?

CONDADO: Não sujeis.
 as armas, que haveis de honrar
 na batalha.

FLAVEL: Que ordenais?

CONDADO: O apito. Podais levá-lo
 e, com as rédeas...

MEIO: Não! Fiedade!

Sola de morte condigna!

CONDADO: Agita-o, até que saltem
 esses ferros das corceias.
 E tu, vil! Por que foges?
 É melhor um lavrador
 do que um homem como eu!

JACINTA: Quem há de restituir
a honra que me tiraram,
trazendo-me até vós?
Porque minha gente é honrada
e, se no alto nascimento
não vos iguale, nos modos
é bem superior.

CONDESSA: Malditos!
Muito há de te arrepender.
Para mim já não te quero,
mas não te servir aos homens
que vão à guerra contigo.

JACINTA: Não há, no mundo, poder
bastante para que, viva,
se faças mal!

CONDESSA: Fois veremose!
Podia levá-la, soldado.

JACINTA: Senhor, há de castigar-vos
a providência divina!

(O Rei e a Rainha)

FERNANDO: Fernão Gomes era um bravo,
na guerra às bandas mouriscas.
Ficou o rei de Granada,
ao vê-lo esgutar a espada.

ISABEL: Deerto, à primeira vista
tudo parece bem simples.
Mas dele, muitos dizem
ser corrupto e tirano,
sem modo governo.

FERNANDO: Minha adorada rainha,
não vos parece virado
aos céus disciplinado?

ISRAEL: Tinha uma rixa com o alcaide
e obrigava-lhe a filha.

FERNANDO: Tinha uma rixa com o alcaide,
que sem ordens disculpia.

ISRAEL: Queria punir o moço
que seu orgulho ferira.

FERNANDO: Queria punir o moço
que lhe ameaçara a vida.

ISRAEL: As colheitas confliscara
e as mulheres perseguia.

FERNANDO: Tomava as medidas certas,
como senhor de sua vila.

ISRAEL: Meu amado soberano.

FERNANDO: Minha adorada rainha.

ISRAEL: Não apressemos o juízo
da questão que se apresenta.

FERNANDO: Enquanto estava na guerra,
os vilões se divertiam.

ISRAEL: Enquanto estava na guerra,
Fuentesovejuna vivia.

(A grapa em Fuentesovejuna)

LATRÔNICA: Que faças aqui, Fernando?
Estás correndo perigo.

FERNANDO: Já não há nada a temer.
Vi, de onde estava escondido,
partir o Comendador,
com todas as suas soldadas.

LATRÔNICA: Devo-te muito, e tão pouco
posso pagar...

FERNANDO: Quero apenas
que me respondas, enfim,
se alcançei ou não a grapa
de te salvar, Latrônica.

LAURINDA: Que devo dizer? Que sim.
 FRODOCO: Quando se alegras!
 LAURINDA: Porde,
 antes que as coisas se ajuntem,
 Deves procurar meu pai.
 Ele vem chegando. Espera-o.
 Boa sorte.
 FRODOCO: Deus me ajude.
 ESTELAS: Com efeito, o proceder
 é, em tudo, descomedido.
 Não há quem não se admire
 de seus desmandos ferrenhos.
 A pobre Jacinta é vítima.
 E a Mengo, faz apertar.
 ESTELAS: Ferre-se o sangue nas veias!
 Para que trago consigo
 este bastão sem proveito?
 ALBINO: Sabes o que me contaram?
 Que os soldados, na partida,
 devastaram as lavouras
 de Mengo, rapinando a casa.
 ESTELAS: Rogo a Deus que nos reserve
 dias melhores. Esse homem...
 Quem está aí?
 FRODOCO: Sou eu, Frodoce,
 que espero vossa licença.
 ESTELAS: Para a minha casa, jovem,
 licença não é prestia.
 Sabes que te prego tanto
 como se fosses meu filho.
 FRODOCO: Pois, senhor, é justamente
 confiante nessa amizade

que venho à vossa presença
pedir-vos que se salveis.

ESTERAS: Esse bárbaro insolente
que é meu Comendador
te fez algum mal, também?

FRANCISCO: Não, não foi ele,

ESTERAS: E foi quem?

FRANCISCO: A vossa filha, senhor.

ESTERAS: Laurência? E que mal causou?

FRANCISCO: Dêtem-me a própria vontade
de viver. E outro resíduo
não tenho, senão pedir-vos
que ela se casamento,
ou morrerá.

ALONSO: Se é tão grave,
não vos resta consentir.

FRANCISCO: Perdai-me esta exatidão,
mas o amor tem doenças
que não se podem contar.

ESTERAS: Tamo, Francisco, compreendo
que, por trás de brincadeiras,
falias sério. E te agradeço
que voltes por minha honra.
Ficarei muito feliz

em dar-te a mão de Laurência.

FRANCISCO: Não mais feliz que eu, senhor.

ALONSO: É parcer de Laurência
tomei, antes de aceitar.

ESTERAS: Isso não temas cuidado,
que já acertarem entre elas.
E quanto ao dote, meu jovem...

FRANCISCO: O dote deixai, senhor,
não vos preocupis com ele.

ALONSO: Poderá pedi-la em casamento.

Ela te agradecerá.

ESTERAS: É preciso que Laurência
concorde também.

FRANCISCO: É justo.

ESTERAS: Não sei se estarei em casa.
Laurência! Filha!

LAURÊNCIA: Senhor?

ESTERAS: Vê como logo estás?
Laurência, minha querida,
quer a tua opinião.
Chega-te aqui. Achas bem
que eu, à tua amiga Pascuala,
dê Francisco por marido?

LAURÊNCIA: Pascuala, diz-me!

ESTERAS: Decerto.

Por que não? Ela é bom rapaz
e, se assim queres os dois...

LAURÊNCIA: Queres os dois? Ah, senhor!
Estais a humilhar-me!

ESTERAS: Vê, Francisco? Ficaes pílida,
com a ideia de te perder.
Venham, meus queridos filhos,
a minha benção se vos deu.
E, quanto ao dote...

FRANCISCO: Depois.

LAURÊNCIA: Estão contentes, Francisco?

FRANCISCO: Ainda perguntas se estou?

(Os noivos vestidos por seus amigos)

(A festa de casamento interrompida)

CONTINUAÇÃO: A festa termina aqui.

ESTERAS: Isto não é brincadeira,

senhor, mas, como ordinário,
assim será feito, e basta.

ALVARO: Don Fernão, trazeis da guerra
o espírito belicoso.

PASTALA: Tenestes?

FLORES: Toda pergunta.

LEFENDIA: Foge por aqui, Frondoso.

COMENDADOR: Isso não! Freado-o, atajo-o!

MELO: Vai, entrega-te à prisão.

FRONDOSO: E queres tu que eu saia?

COMENDADOR: Jamais conderei à morte
alguém que fosse inocente.
Será conduzido ao cárcere,
onde aguardará o juízo.
A culpa que tens, Frondoso,
sustentarei e pródigo alcaide.

PASTALA: Senhor, cuidad que se casa.

COMENDADOR: O casamento não muda
o crime que cometeres.

PASTALA: Se vos ofendeu, perdoai-o,
por serdes, senhor, quem sois.

COMENDADOR: Não se trata de uma ofensa

à minha pessoa, apenas,

mas, o que é pior, à honra

do cargo que tens. Deixem

que este vilão, certo dia,

ossem ameaçar de morte

o Comendador Maior.

Falta-lhe grave não pode

deixar de ter seu castigo.

ENTRADA: Espinho que desculpá-lo
perante vós, nesta terra,

Já seja dever do sogro.

Atenta, é natural

que um homem apaixonado

contra vós se revoltasse,

pois, senhor, vós pretendíeis

tirar-lhe a própria mulher.

CONTEADOR: Pois um idiota, aliás.

ESTERAS: Já vossem ordens, senhor.

CONTEADOR: Jamais pretendi tirar-lhe
a mulher, pois sem o era.

ESTERAS: Sabeis melhor do que todos!
Vossos excessos têm feito
sofrer esta pobre vila
de forma inacreditável!

CONTEADOR: Contudo, quero lembrar-vos
que, antes de vós, há um rei!

ESTERAS: Temei-lhe o bastão de alcaide!

CONTEADOR: Não! Faça questão ao nome
de entregá-lo a don Fernão.

PASTORAL: Tem velha batida!

LAURÉNCIA: Covarde!

Que mal vos fez o meu pai?

CONTEADOR: Levei-a também que a guardas
das soldades.

ESTERAS: Não! Laurência!

ALONSO: Transformo-se em luto a festa.

PASTORAL: Não há um homem sequer que fale?

ALONSO: Eu já tenho os seus apertos.

PASTORAL: Triste de Fomtevejunia!

ALONSO: Falamos todos!

ESTERAS: Espere.

Melhor calar, por enquanto.

Que o Conselho se reúna.

(O Rei e a Rainha)

FERNÃO: Os dados foram lançados.
 ISRAEL: A sorte está decidida.
 Fernão já apostou
 na força, que atemoriza.
 FERNÃO: Na obediência dos vassallos,
 que ao rei sempre é devida.
 ISRAEL: Apostou mal, meu senhor.
 FERNÃO: E por quê, senhora minha?
 ISRAEL: Porque as regras desse jogo
 não foram bem compreendidas.
 Antes tivesses apostado
 na revolta que ameaça.
 FERNÃO: Não convém anteciparmos
 os lances dessa partida.
 ISRAEL: Meu estado soberano...
 FERNÃO: Minha adorada rainha...

(O Conselho em Pontevedra)

ESTEBAN: Ela-se aqui, destituição,
 perante vós humilhado,
 sofrendo na própria carne
 o que vos via sofrer.
 ALONSO: Esteban, de nosso alcaide.
 ESTEBAN: Triste alcaide sem bastão,
 tristíssimo pai sem filha.
 Remem de Pontevedra:
 há, porventura, entre vós,
 alguém que não tenha sido
 vítima de don Fernão?
 ALONSO: Demasiado poderemos
 nas alas do Comendador.

NUNCO: Que poderemos fazer?
 Não passamos de vilões.

VILÃO: Meu voto é que o procuremos,
 para lhe pedir obediência.
 Não há de ser inenarrável
 a tantas súplicas.

ALONSO: Tão,
 também, para procurá-lo.
 Mas sem pedir: exigindo!

NUNCO: É a obediência que devemos,
 como vassallos, esquecer?

ALONSO: É um bárbaro desumano.

NUNCO: Já o insultamos, não castiga.

ALONSO: Ou, quem sabe, o castigamos.

NUNCO: Por Deus! fregas a revolta
 contra o senhor desta vila?

ALONSO: Já é senhor quem morre!
 Mesmo o rei, depois de Deus.

VILÃO: Atentai que somos muitos,
 e poucos estão com nós.

NUNCO: Desafiá-lo é insensato.

LAURÉNCIA: Deixai-me entrar, que hei porcos,
 nesse Conselho de homens,
 se não votar, ser ouvida.

VILÃO: Laurência!

LAURÉNCIA: Eu mesma, senhores.
 Foi confundida sem culpa,
 diante de todos. Não houve
 um só que se revoltasse,
 ou se quisesse vingar.
 Não que lutar costuma
 por minha honra, e escapei,

É força de unhas e dentes,
 ferida, mas não vencida.
 Aqui vos tenho encontrar,
 sem coragem de seguir
 o caminho inevitável.
 Não sois homens! Sois ovelhas
 covardes e medrosadas!
 Sem dize o nome que leva
 Fantochejadas e de fonte
 onde bebem as ovelhas,
 balando, sem defender-se
 do lobo voraz que as fere!
 Onde estão vossos pastores?
 Quem há de aciar por vós?
 Quem há de o lobo enfrentar?
 Deveis saber que Francisco,
 sem juízo e sem consciência,
 por ele foi condenado
 e, amanhã, será enforcado
 no alto da torre maior!
 Que esperais? Que, um por um,
 também vos faça matar?

ALGUNS: Irei também, se os outros
 não se apiares.

VILÃO: Também
 irei convosco, que é hora
 de vingarmos a injustiça.

VILÃO: Marmotas todos! Lá armas!

MENOS: Que ordem julgas já ter?

ENTÃO: Para o que vamos, não há ordem.
 Juntai o povo da vila,
 que o Conselho decide.

VILÃO: Lá armas! Bom! espadas,
lanças, sajudos e foices!

VILÃO: Que viva Puentevejauna!
que morra o Comendador!

JACINTA: Viãos, mulheres da vila!
Olhai como correm todos,
homens, mulheres e velhos,
a justificar Fernão Gómez!
Devemos seguir com eles,
que a causa é nossa também!

VILÃO: Que morra o Comendador!
que viva Puentevejauna!

(A casa de Encarnação)

COMENDADOR: Vilão, chegou a tua hora.
Usa essa mesma corda
para enforcá-lo.

FLORIS: Levanta-te!

FRANCISCO: Fogo almeida, senhor.

COMENDADOR: Não há Almeida, Francisco.
As fadigas de uma pena
sabes bem.

FRANCISCO: Sei que foi grave
o delito, mas provisto
é o castigo que ordenada.
Nunca vos quis fazer mal,
apenas salvar Leandrea.

COMENDADOR: Pois digo que ela, que nunca
pensar em ferir de morte
tenhas e senhor e, agora,
deves morrer, pois, salvando-a,
ameaças a própria morte.

VILHOS: Que viva Pombaloejuna!
Que morra o Comendador!

FLORIS: Escutai!

COMENDADOR: O que está havendo?

CRISTO: Um motivo!

FLORIS: A vila inteira,
senhor, parece ter vindo
à nossa porta bater!

VILHOS: Que viva Pombaloejuna!
Que morra o Comendador!

CRISTO: Estão armados!

COMENDADOR: Como assim?

FLORIS: É porta de minha casa!

FLORIS: O que fazem, senhor?

VILHOS: Que viva Pombaloejuna!
Que morra o Comendador!

COMENDADOR: Desarmai-o em seguida.
Frandoso, quero que analise
o alcaide e toda essa gente.
Vai, que te livre de força.

FRANOSO: Irei, mas não acredito
que os consiga desover.

VILHOS: Que viva Pombaloejuna!
Que morra o Comendador!

FLORIS: Senhor, sei que busqueis
lugar mais seguro.

CRISTO: É certo.
Não podemos enfrentá-los
com as poucas homens que temos.

COMENDADOR: Ficad tranqüilo. Os vilões
vultarão às vossas casas,
as vezes Frandoso livre.

Assim, gubharnes tempo.

VILHES: Que viva Pombalovejuna!
Que morra o Comendador!

FLORA: Ó povo que se levanta
e se decide, jamais
volte, sem sangue em vingança.

CRISTINA: Já invadem os corredores!

COMENDADOR: Como se atrevem! Lá armas!
Defendamos o aposento!

VILHES: Que viva Pombalovejuna!
Que morra o Comendador!

COMENDADOR: Povo, esperai!

CRISTINA: Ós agraças
não esperas, don Fernão!

COMENDADOR: Dou-vos a minha palavra
de que serão corrigidos
os erros.

ALFONSO: Agora é tarde!

COMENDADOR: Não se quereis esculhar!
Sou vosso senhor!

LEONOR: Não mais!

VILHES: Que viva Pombalovejuna!
Que morra o Comendador!

(O Rei e a Rainha)

ISABEL: Meu amado esbarrou!

FERDINAND: Minha adorada rainha!

ISABEL: Um terrível pesadelo
vires meu sono em vigília!

FERDINAND: Um pesadelo, disseis?

ISABEL: Um sonho mau, que me fez
despertar, trêmula e aflita!

Mouros cruéis, sanguinários,
 nesse castelo invadiram
 e, enfurecidos, clamavam
 pelas cabeças reais,
 pela vossa e pela minha.
 Já serenos e indefesos
 diante da turba assassina,
 vi quando vos degolaram
 com essas faces mouriscas.
 Barbada no vosso sangue,
 já me levavam, cativa.
 Implorando por socorro,
 gritava, e ninguém me ouvia!

FRONDOSO: O parecido passou,
 acalmai-vos em seguida.

ISABEL: Esta é uma noite de insónia.

FRONDOSO: Esta é uma noite tranqüila.
 O vento dorme nos ramos,
 a lua passa, crescida,
 pelos jardins silenciosos,
 que se repousa nas covinhas.

[Frondoso e Laurência sob a lua]

FRONDOSO: Laurência minha...

LAURÊNCIA: Frondoso...
 Bebe o que está por vir...

FRONDOSO: São temas, que estão aqui,
 do teu lado...

LAURÊNCIA: Meu amigo...
 Apreta muito, e não quero
 que te façam nemhas mal.
 Procura salvar-te. Foge,
 ao menos tu, que ainda há tempo.

FRONDOZO: Não me peças que te deixe,
ou que deixe a minha gente,
pois é injusto que me ausente
nesta ocasião.

LUCÍLIA: Ah, Frondoso,
tamo por tua morte!

FRONDOZO: Acalma-te.
Não sofras por mim, que, agora,
estou feliz, muito embora
tenha penas a enfrentar.
Estamos juntos, querida...
É mais do que, nesta vida,
seja ou não esperar...

(O começo do Inquérito em Fuentevajuna)

ESTEBAN: Fois de Fuentevajuna,
vindo escutar as palavras
desta velho, a quem a idade
concedeu o privilégio
da experiência e do saber.
Nossos reis não se querem
investigar este caso.
Não são poucas as tormentas
que haremos de sofrer.
Temos que estar preparados
para a investigação do caso.

ALONSO: Qual teu conselho?

ESTEBAN: Morrer,
dizendo "Fuentevajuna",
sem mais delatar. Ninguém
podrá ser condenado.

ALONSO: Mas todos têm de pagar.

ESTERÇA: Fagerei Fontevieja.
 ALONSO: Juntos até o fim?
 ESTERÇA: Não.
 Poderia responder assim?
 Representarei o juiz,
 para mantermos ordem.
 VILÃO: Alameda, sou voluntário.
 ESTERÇA: Sabes que será deveras?
 (Fazem)
 Muito bem. Responde, então
 quem deu morte a Fernão Góes?
 VILÃO: Fontevieja, senhor!
 ESTERÇA: Quem matou o Comendador?
 VILÃO: Fontevieja é o culpado!
 ESTERÇA: Se te afflizo, desgragado?
 VILÃO: Podéis matar-me, senhor!
 ESTERÇA: Confessa, vilão! Quem foi?
 VILÃO: Fontevieja, é o que sei!
 ESTERÇA: Torturá-ei! Não confessa?
 VILÃO: A tudo resistirei!
 ESTERÇA: Já chega. Podéis deixá-lo.
 Estarei bem preparado.
 Que venha o juiz do rei.

(Flores diante dos Reis Católicos)

FLORES: Católicos rei Fernando,
 a quem o céu concedeu
 a coroa de Castela!
 Gavi o caso espantoso
 que vos vou relatar.
 Estava em Fontevieja,
 Vi os habitantes da vila,
 quando de repente,

darem morte ao seu senhor.
 Igual esqueceram-lhe a casa,
 como se fosse de um negro,
 não de um cristão. Fecêdo Oléon,
 morto, plena por justiça.
 Os bárbaros delinqüentes
 não devem ficar impunes.
 Fazei, senhor, o que é justo.

FERNANDO: É triste acontecimento
 foi tal, que nos tira surpresas.
 Gelidamente que um juiz
 averigüe esse crime
 e dê o castigo exemplar
 que merecem os culpados.
 Irão de seus ferimentos,
 solidado, e parte tranqüilo.

ISAUEL: Meu estado saberão.

FERNANDO: Minha adorada rainha?

ISAUEL: Vou-me cumprir os papéis
 que a peça nos determina.
 Cremon por nesse povo,
 que de preceito necessita.

(O Inquérito em Fontevieja)

JULIA: Quem matou o Comendador?

VILÃO: Fontevieja, senhor.

JULIA: Malditos vilões! Não bastam
 os rogos, as ameaças,
 as suplicas, os tormentos?
 Já dias vos interrogo
 no cavalete e no apóito,
 e a resposta que me dais
 é a mesma Fontevieja.

O que pretendia? Senhor
do Reino que representa?
Que Deus sempre os reis
em Castela poderamos,
Fernando e Isabel, unificados,
que, juntos, ríam por nós,
pelas gentes que governam
sob a proteção divina.
O crime que cometeram,
conspirações insensatas,
deve ser punido, e logo,
com o máximo dos rigores,
para que sirva de exemplo
a todos, que dele aprendam
o quanto custa a vassalagem
votarem ao seus senhores.
Temos, confessem, que deve
relatar a nossos reis
quem deu morte a Fernán Gómez.
Quem o matou? Respondam!

VILÃO: Senhor, foi Fontecovejuna.

JUIZ: Ah, vilões obstinados!

Tenho ganas de enforcar-vos
com as próprias mãos! Quero os nomes!
Esses nomes de assassinos,
que cometerais talmente,
dizei-me, e livres sareis.
Quem matou o Comendador?

VILÃO: Fontecovejuna, senhor.

JUIZ: E quem é esse bandido?

VILÃO: Somos todos nós, unidos!

JUIZ: E quem é tal malfeitor?

VILÕES: Bem-vinda vós, senhor!
 JULIA: Pois morte a Fantevejauna!!
 VILÕES: Não há morte que a destrua!
 Não há força que a demma!
 Todas as vozes em uma!
 Uma e só: Fantevejauna!!

(A decisão do Rei)

JULIA: A Fantevejauna foi,
 tal como haviais mandado,
 senhor. Com todo o cuidado
 o inquérito presidi.
 Apurar não consegui
 as verdadeiras culpas do,
 pois os vilões, combinados,
 com brio desacreditável,
 e nome de responsáveis
 dizem ser "Fantevejauna".
 Presentes interroguei,
 não com pequena vigor,
 e juras-vos, meu senhor,
 outra prova não logrei.
 Creio que, dessa maneira,
 mais não posso investigar
 e a vós, só resta perdoar
 ou dar morte à vila lazeira.
 Já vós à vossa presença.

PEREGRINO: Pois que entres.

JACINTAS: Aquela é o rei?

ISABELA: Os agredores são esses?

REYNA: Fantevejauna, senhora,
 que, submissa, espera agora
 obter vossa petição.

FERNANDO: É digno de clemência
 um vassalo que assassina,
 sem medir as consequências,
 o senhor a quem devia
 o tributo da obediência?

ESTELAR: A insuportável tirania
 e o insupportável rigor
 do novo Comendador,
 que mil insultos fazia,
 deram causa a tanto dano.

MENDO: Boas colheitas recolheu,
 novas mulheres fregues,
 sendo à piedade estranho.

PRODIGOS: As circunstâncias de crime,
 senhor, bem o justificam.

ESTELAR: A resposta está convosta.

FERNANDO: E se ele for negativo?

PASTALLA: Boas razões reis naturais.

LEONOR: Como súditos leais,
 nossa sorte a vós confiamos.

FERNANDO: Castigarei um culpado.
 Aos outros, darei perdão.

ALONSO: Fois castigai-vos a todos!

ESTELAR: A culpa é de toda a vila!

FERNANDO: Surpreende-me tal coragem.

TRABALA: Santa audácia me admira.
 (Pausa)

FERNANDO: Como não posso julgar
 este caso por escrito,
 ainda que grave o delicto,
 peço que o leia perdoar.
 Fantecevejuna, proclama

essa invejável bravura.
 À vila, que a mim recorre,
 sob minha guarda esteja,
 até o dia em que apareça,
 de tanto valer à altura,
 conquistador que a mereça.

VILÕES: Que vivas os Reis Católicos:
 Fernando e Isabel! Que vivam!
 (Pausa)

ISABEL: Meu amado soberano.

FERNANDO: Minha adorada rainha?

ISABEL: São insensatos os que ossem
 desprezar a própria vida
 e tudo arriscar, ferindo
 a regra estabelecida.
 Fois quem a tanto se atreve,
 nesse poder não periga?
 Contra nós esses vilões
 não se voltarão um dia?

FERNANDO: Creio eu, senhora minha,
 que de insensatos como esses
 um soberano precisa.
 Convém estar bem atento.
 Atrevimentos um tempo
 de mudanças sucessivas.
 O poder, melhor é usá-lo
 com firme sabedoria,
 como demonstrava a peja
 que, neste instante, termina.

